

Atribuição BB CY 4.0

Transmissão e oralidade: o resgate de Tecnologias Ancestrais por Jovens Comunicadores

Gabriela Pereira Braz¹

Resumo

Esse artigo faz parte de um ciclo de reflexões, cuja conclusão marca a potência das tecnologias ancestrais a partir da redescoberta de um passado ancestral. Nossa proposta foi apreender a relevância do Curso de formação de Jovens Comunicadores na promoção da circularidade de corpos negros nos diversos espaços de Cultura da cidade e responder aos desafios que foram desvelados de modo interseccional. Para isso, recorri aos teóricos afrocentrados, análise do material produzido no Curso de Formação de Jovens Comunicadores e grupo focal proposto para os Jovens Comunicadores do Morro do Estado. A contribuição social para a garantia dos Direitos Humanos pauta-se no reconhecimento do racismo como uma ideologia eurocentrada de segregação e controle dos corpos, na urgência de compor a militância do Movimento Negro e no desencontro com jovens moradores do Morro do Estado nos espaços plurais de cultura da cidade de Niterói – Rio de Janeiro.

Palavras-chave

Racismo; Curso Formação de Jovens Comunicadores do Morro do Estado (Niterói, RJ); Cultura; Tecnologias Ancestrais.

¹ Pesquisadora em relações étnico-raciais; comunicação e saúde. Bacharel em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Especialista em Ensino de Histórias e Culturas Africanas e Afro-Brasileiras pelo Instituto Federal do Rio Janeiro/São Gonçalo (IFRJ/SG); e Saúde Mental pelo Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental da Escola de Saúde Mental do Rio de Janeiro (ESAM-RJ). E-mail: gabrielapereirabraz1990@gmail.com

Recebido em: 31/03/2025
Aprovado em: 20/08/2025

945

Transmission and orality: the recovery of Ancestral Technologies by Young Communicators

Abstract

This article is part of a cycle of reflections, the conclusion of which marks the power of ancestral technologies based on the rediscovery of an ancestral past. Our aim was to understand the relevance of the Young Communicators Training Course in promoting the circulation of black bodies in the city's various cultural spaces and to respond to the challenges that have revealed in an intersectional manner. To do this, I turned to Afrocentric theorists, an analysis of the material produced in the Young Communicators Training Course and the focus group proposed for the Young Communicators of Morro do Estado. The social contribution to the guarantee of Human Rights is based on the recognition of racism as a eurocentric ideology the segregation and control of bodies, the urgency of composing the militancy of the Black Movement and the mismatch with young residents of Morro do Estado in the plural spaces of culture in the city of Niterói – Rio de Janeiro.

946

Keywords

Racism; Young Communicators Training Course (Niterói, RJ); Culture; Ancestral Technologies.

Introdução

Porque a insistência em falar sobre transmissão, memória e oralidade se já sabemos que temos todos a mesma origem? Tudo começou na África, para todos nós². A história dos negros não é uma história isolada. É parte integrante da história do mundo. Sobre essa perspectiva discorre Mbembe (2014, p. 16-17),

947

a raça não existe enquanto facto natural físico, antropológico ou genético. A raça não passa de uma ficção inútil, de uma construção fantástica ou de uma projeção ideológica cuja função é desviar a atenção de conflitos antigamente entendidos como mais verossímeis – a luta de classes ou a luta de sexos, por exemplo. (Mbembe, 2014, p. 16-17).

Esse conhecimento deveria estar para todos nós, sem exceção. Mas os marcadores sociais permanecem mostrando o contrário, ainda hoje, as representações mais populares insistem em negar tal origem, a perpetuação dos problemas provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais intensificam as desigualdades e o aumento de crimes de ódio por racismo. Esse fato não nos permite parar, ou mesmo sair do estado constante de vigilância e de luta por melhores condições de vida e garantia de Direitos.

Relembrar é necessário! A história dos nossos antepassados não se inicia com o tráfico de escravizados ou da invasão de terras. Acerca dessa herança, “estima-se que o Brasil tem a maior população negra fora da África e a segunda maior do planeta” de acordo com Cavalheiro (2010). Ainda assim, os descendentes de escravizados e indígenas, a maior parte da população brasileira ainda hoje, são os que mais sofrem com os impactos da estruturação do pensamento colonial.

O despertar pela pesquisa principia-se pela observação empírica do não reconhecimento e da identificação de corpos negros, especificamente jovens moradores do Morro do Estado³ nos espaços plurais de cultura de Niterói. Diante da hipótese de ausência de jovens do Morro do Estado nos espaços de cultura da cidade de Niterói, rememoramos que os Direitos surgem em função das necessidades de cada tempo/circunstância. Nesse sentido, reverenciamos a

² No que concerne a premissa do entendimento da África como berço da humanidade e a constatação de que “os primeiros homens eram etnicamente homogêneos e negróides”. (Diop, 2010, p.39).

³ Favela localizada na Região da Praias da baía do município de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro, é divisa com a região central do município.

História Africana, que tem na sabedoria ancestral a transmissão oral como a fidedignidade das memórias individual e coletiva. “Na África, tudo é História”. (Bâ, 2010, p. 185).

Diante de uma trajetória de vida atravessada pelo fazer profissional, a circularidade sistemática de corpos negros nos diversos espaços culturais da cidade de Niterói, a essencialidade da resistência e o enfretamento ao racismo eram considerados expressões de liberdade, pertencimento e reivindicação coletiva pelo bem viver. Obtive como conhecimento dados do último censo, do ano de 2010, no qual a cidade de Niterói, no ranking nacional, ocupava a segunda colocação em renda; e foi a primeira colocada entre os municípios do Estado do Rio de Janeiro (ERJ) no Índice de Desenvolvimento Humano Municipal. (IBGE, 2011).

Ressaltamos aqui a tragédia ocorrida no Morro do Estado, “no ano de 2010, após fortes chuvas, três vidas foram interrompidas, vítimas por soterramento, e vários moradores foram desalojados”, mais uma vez tratados como “coisas”, a tristeza que pairou sobre as famílias de Enoch, Ezequiel e Sebastião (Tiãozinho) nos conecta a buscas por Tecnologias Ancestrais (informação verbal)⁴.

Nesse contexto, salienta-se que na Cultura Africana, a base/fundamento de todas as explicações pauta-se na cosmologia e ciência egípcia, em que a palavra é considerada sagrada e geralmente passada por tradições orais em referência aos ensinamentos transmitidos “de boca a ouvido”. (Bâ, 2010, p.168).

Outra tradição da África Ocidental que merece destaque são os Adinkras, conjunto de símbolos que representam ideias expressas em provérbios amplamente utilizados, tal como em homenagens fúnebres. Nesse sentido, referenciao: Sankofa “a sabedoria de aprender com o passado para construir o presente e o futuro”⁵.

Assim, somente após a tragédia de mortes em decorrência do deslizamento de terras, foi reconhecida pelo Poder Público a Associação de Moradores do Morro do Estado, “por uma necessidade de gerenciamento de verba para reconstrução de encostas” (informação verbal)⁶.

⁴ Familiar de uma das vítimas, entrevista concedida a pesquisara, 2023.

⁵ Cf. NASCIMENTO, Elisa Larkin; SÁ, Luiz Carlos (Orgs). ADINKRA: Sabedoria em Símbolos Africanos - 1^aed. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

⁶ Morador da comunidade e componente da associação de moradores, entrevista concedida a pesquisadora, 2023.

A partir disso, no ano de 2021, a Secretaria Municipal de Cultura Niterói lançou o Manifesto: A Cultura é o seu direito, em que afirma que “a Cultura está em tudo”. Assim exposto, questões começaram a aparecer: será que esses índices refletem o cotidiano dos jovens moradores do Morro do Estado? Quais seriam as compreensões dos facilitadores de acesso para a construção de uma “cidade mais colorida e mais humana, que mistura o centro e a periferia, o morro e o asfalto, as tradições e as inovações, todas as formas de identidade e de aprendizado”? (Manifesto, 2021, p.07).

949

Transmissão e oralidade, um legado ancestral

O entendimento da *ausência* como uma categoria de análise da iniquidade, da dor e do sofrimento reafirma a importância para a continuidade do diálogo e o alcance de mais indivíduos, em especial dos historicamente atingidos pelas desigualdades e pela branquitude.

Sob esse viés, cabe citar Bento (2022), que irá nomear tal processo como pacto narcísico da branquitude ao evidenciar privilégios obtidos por indivíduos brancos a partir da ocupação de melhores cargos com maiores remunerações, escolas e locais de moradia. Essa intelectual chama atenção também para a sabedoria desenvolvida nos quilombos, experiência organizacional de resistência, enfrentamento e fortalecimento cultural de “construção simbólica da memória”, assim como valorização da cultura negra (Bento, 2022, p.39).

Apesar das inúmeras tentativas de apagamento histórico dos descendentes da diáspora africana⁷ (Hall, 2003), da paração⁸ (Lara, 2021), do movimento de eugenia e do mito da democracia racial, a trajetória dos movimentos sociais do negro no Brasil e suas lideranças resistem e persistem na luta, em destaque por apontar:

problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural. (Domingues, 2007, p,101).

⁷ Representação que transmuta o entendimento de identidades, terra de origem, deslocamentos, diferença e pertencimento (Hall, 2003).

⁸ A “paração” ocorre sempre que qualquer “branco” ignora; são mais ou menos sutis às violências. Este ato de “paração”, em uma palavra, é o racismo. (Lara, 2021, p. 200).

À vista disso, tornar nítido o caminho contra-colonial, o resgate de memórias e a transmissão aos mais novos é legado ancestral.

Juventude e tecnologias ancestrais

Provocada pelo compromisso - assumido como pesquisadora de desvelar os fatos e expressões sociais, busco por colaborar com a desconstrução de um pensamento colonial, em consonância com a Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003 (Brasil, 2003)⁹, alinhada com o Código de Ética do Assistente Social, que tem a “liberdade como valor ético central” e o combate ao racismo (CFESS, 2012, p. 23).

Propensa a exaltar a arte dos encontros, avalio o esforço e aprendizado contínuo ao não imediatismo, saber que possibilita o conhecimento ao novo, crítico e criativo. Ao corroborar com as abordagens da psicanálise na encruzilhada, destacamos o conceito de ideologia de Kaës (1980 apud COSTA; FERNANDES, 2021)

950

como um sistema de ideias abstratas mais “reais” do que o real, porque se apresenta sem falha, sem lacunas, de forma densa, compacta. Ela se organiza em discurso e emblema necessários à construção, da representação do mundo” (p.I). Necessária à existência coletiva e ancorada na via psíquica, ela funciona como construção social e como formação psíquica ao mesmo tempo. (Kaës 1980 apud COSTA; FERNANDES, 2021, p. 28- 29).

Nesse contexto, compreendemos que o racismo, como estrutural e estruturante do sistema capitalista, irá se ancorar em valores de discriminação e desigualdades, na dimensão subjetiva em função da cor do indivíduo, fenótipos negróides, associação a religiões de matrizes africanas e afro-brasileira, a naturalização das hierarquias sociais, assim como a perpetuação de violências, justiça imperfeita, distribuição espacial irregular, além da disparidade de acesso as políticas sociais.

Provocada ao diálogo e à elaboração de soluções, comecei a frequentar o Fórum Pontos e Pontões de Cultura de Niterói. Em março de 2023, a pauta voltava-se para o compromisso orçamentário da gestão de Cultura da Prefeitura Municipal de Niterói com a ampliação e manutenção da Rede de Pontos e Pontões

⁹ Essa Lei tramitou desde o ano de 1999. Aprovada nos primeiros dias de posse na Presidência da República de Luis Inácio Lula da Silva, cumprindo um compromisso de campanha.

de Cultura¹⁰ (contemplados no edital de 2021), na expectativa do impacto social da Cultura Viva 2024. Uma breve apresentação foi realizada, a maioria dos Pontos de Cultura fazia-se presente.

Foi então que a BemTv se destacou. Instituição reconhecida como Pontão Vivo de Comunicação pelo comprometimento em comunicar a pluralidade cultural e a responsabilidade social com a juventude periférica. Essa, para além do maior quantitativo institucional, revelava, a cada apresentação, o brilho nos olhos e as falas com orgulho em ser um Jovem Comunicador (JC) e representar uma coletividade.

Instituída como uma organização sem fins lucrativos que trabalha, desde 1992, com mídia e educação, a BemTv, em 2019, foi reconhecida como Pontão de Cultura. Atualmente, suas ações buscam fortalecer os demais parceiros da rede Cultura Viva da Cidade de Niterói, assim como a implementação de projetos sociais voltados para juventude periférica de diferentes regiões dos municípios de Niterói, São Gonçalo, Maricá, Itaboraí e RJ, como o Projeto Jovens Comunicadores (PJC).

Logo tivemos mais questionamentos do que viria a se tornar o delineamento da pesquisa. Seria no PJC que encontrariamos esses jovens? Teria a BemTv um trabalho de circularidade com os jovens? Com histórico de modificação, emergencialmente em meio aos desafios de sobrevivência da Pandemia instaurada pelo COVID-19, o PJC sofreu alteração no cronograma e nos requisitos para participação.

Apesar do público permanecer: jovens de áreas periféricas, de 16 a 29 anos de idade; os requisitos foram modificados para atender a dimensão do universo online e passaram a ser: a obrigatoriedade de celular ou computador com acesso à internet para as atividades síncronas e envio de mensagens por whatsapp; disponibilidade noturna (horário do curso formativo), durante o período de quatro meses; e comprometimento com o Termo de Compromisso¹¹. Como

¹⁰ Art. 4º A Política Nacional de Cultura Viva compreende os seguintes instrumentos: I - pontos de cultura: entidades jurídicas de direito privado sem fins lucrativos, grupos ou coletivos sem constituição jurídica, de natureza ou finalidade cultural, que desenvolvam e articulem atividades culturais em suas comunidades; II - pontões de cultura: entidades com constituição jurídica, de natureza/finalidade cultural e/ou educativa, que desenvolvam, acompanhem e articulem atividades culturais, em parceria com as redes regionais, identitárias e temáticas de pontos de cultura e outras redes temáticas, que se destinam à mobilização, à troca de experiências, ao desenvolvimento de ações conjuntas com governos locais e à articulação entre os diferentes pontos de cultura que poderão se agrupar em nível estadual e/ou regional ou por áreas temáticas de interesse comum, visando à capacitação, ao mapeamento e a ações conjuntas (Brasil, 2014).

¹¹ Parte importante do contrato de formação, o Termo de Compromisso possui 5 pilares: Participação das atividades de formação e criação; Respeito às diferentes opiniões; Participação

contrapartida fora negociado como o Parceiro financiador uma bolsa auxílio no valor de R\$250,00 (mês), para cada JC.

No primeiro semestre de 2020, o slogan do projeto era: “Informação partilhada gera reflexão, reflexão coletiva gera informação, informação popular gera consciência”¹².

Logo, seguimos com um pedido de reunião com o coordenador do PJC, para a apresentação da ideia/projeto de pesquisa, naquele momento intitulada: Oralidade e comunicação social: os significados da BemTv na trajetória de vida dos JC do Morro do Estado, assim como a confirmação da possibilidade de campo. Confirmado o aceite, esse encontro deu-se no mês de maio do ano de 2023.

Naquela manhã, fomos recepcionados como parceira multiplicadora dos conhecimentos difundidos pela instituição BemTv e PJC. O coordenador do PJC falou sobre a construção coletiva do projeto e trabalho e confirmou ser o curso de formação de JC uma realização da BemTv em parceria com a Plataforma Pluriverso, patrocinado pela Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do RJ, através da Lei Estadual de Incentivo à Cultura; Fiotec, Fiocruz e Petrobrás.

Foi também naquele encontro que recebi a confirmação da informação de que jovens do Morro do Estado não teriam sido inscritos/contemplados nas primeiras turmas, mas que havia monitora somando esforços para mobilizar jovens da área e previsão de nova turma de JC para início de julho de 2023.

Como instrumental para pesquisa, recebi compilados de pesquisas recentes realizadas pelo PJC, como um diagnóstico para as próximas ações. Observou-se que o fator renda, intitulado “dinheiro na periferia”, é o que mais chama atenção. Ao considerar todos os JC, 88 (oitenta e oito), somados aos demais conviventes de suas casas, totalizando 324 (trezentos e vinte e quatro) pessoas, quando unificado e dividido por suas rendas, a renda per capita apresentava-se como menor do que R\$ 492 (quatrocentos e noventa e dois reais); no quesito raça/cor, 62 (sessenta e dois) se autodeclaravam negros ou pardos; em relação à moradia, 7 (sete) viviam em casas sem acesso a rede de esgoto.

Já na pesquisa direcionada aos ‘aliados’ das transmissões, foram recebidas 224 (duzentos e vinte e quatro) respostas, dentre essas, 08 (oito) respostas de

na produção dos materiais; Informar o alcance total e as reações da lista de transmissão; Alcançar no mínimo 150 pessoas aliadas na lista de transmissão até o início do terceiro mês da formação e um total de 15 mil pessoas em ação coletiva com a turma.

¹² Informação publicizada na página do Instagram da BemTv, consultada em março de 2023.

moradores do Morro do Estado, nesse momento tivemos a primeira oportunidade de verificar um recorte mais específico dos objetivos da pesquisa. Nela, aparecem questões relacionadas à segurança pública (de uma forma muito sutil, merecendo destaque: “Quando foi a última vez que sentiu medo?”), ao gênero e à raça (nesse quesito, observa-se uma linguagem coloquial, na qual o entrevistado poderia optar por 01(uma) ou mais opções: “Racismo não existe mais”; No Brasil o racismo é fácil de perceber”; “O racismo precisa ser enfrentado por ações afirmativas”; “Racismo é mimimi”; “Existe racismo contra pessoas brancas”.

Nesse sentido, vale destacar que a evidência da celeridade do trabalho com jovens dá-se pelo incentivo a melhor compreensão das relações de educomunicação, visto termos indicadores de risco concretos para a alienação.

Ao focar esforços com base no comprometimento ético e político junto à juventude periférica, o PJC projeta interações de redes e grupos sociais e convoca os agentes sociais para a construção no agora, a primazia do ato, do esotérico para o exotérico.

Foi nesse percurso, de modo a sentir os atravessamentos iniciais da pesquisa, convocada também por ser uma “jovem há mais tempo”¹³, que propusemos a inclusão da nossa participação no campo, tal como observadora-participante (impulsionada pela liminariedade e estranhamento que poderiam aparecer) na turma 4 do curso de JC, período de julho-outubro 2023, seguida de um encontro presencial com a sugestão metodológica de grupo focal.

Tratava-se da possibilidade da garantia de articulação/emancipação entre ensino, pesquisa e extensão¹⁴, tal como qualificar o saber profissional, os instrumentos de trabalho e conhecimento/participação no controle social da implementação da Lei n.o 11.645, de março de 2008, que altera a Lei n.o 10.639, de 09 de janeiro de 2003, e estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira e Indígena”. (Brasil, 2008).

Sob essa perspectiva, destaca-se Ituassu (2016, p. 11) na apresentação de Cultura e Representações do renomado teórico cultural Hall, que nos (re)direciona a

¹³ Atributo utilizado por Felipe Siston, membro da equipe do PJC, jornalista doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), entre outros, durante encontro com JC.

¹⁴ Art. 207 [...] princípio de indissociabilidade. (Brasil, 1988).

uma noção de representação como um ato criativo, que se refere sobre ao que as pessoas pensam sobre o mundo, sobre o que “são” nesse mundo e que mundo é esse, sobre a qual as pessoas estão se referindo, transformando essas “representações” em objeto de análise crítica e científica do “real”. (Ituassu, apud HALL, 2016, p. 11).

Questionar sobre o nosso lugar de pertencimento, sobre a história do Morro do Estado e dos jovens que ali vivem, assim como convocar a comunidade a pensar junto, tende a estremecer a teoria do conhecimento eurocentrado, visto que no contexto político “(...) não ter voz ou não se ver representado pode significar nada menos que opressão existencial”. (Ituassu, apud HALL, 2016, p.13).

Fu-kiau¹⁵ (2001 apud Camilo, 2022, p.64), ao resgatar tecnologias ancestrais para os impactos incomensuráveis na saúde integral e mental de ações discriminatórias e racistas, aponta para a vida em comunidade como processos indissociáveis ao indivíduo. “Há processos de desequilíbrio na saúde de um indivíduo que dizem respeito a todo o corpo social e, que consequentemente, seu reequilíbrio trafega pelas dinâmicas e forças da comunalidade”. (Idem).

Onde estão os jovens do Morro do Estado?

Os jovens do Morro do Estado, sobreviventes das iniquidades em saúde, possuem um papel estratégico na formação de opinião e comportamento da sociedade. Diante da centralidade da juventude em influenciar comportamentos e alterar marcadores sociais ligados à transformação na cultura, em especial, da comunicação. Solicitamos atenção aos jovens que estamos nos referenciando.

Ao recordar as origens do Morro do Estado – ERJ, a partir de uma breve pesquisa na internet, fui direcionada a sites que a descrevem esse território como “consequência da invasão de área de preservação” e “uma das favelas mais temidas de Niterói”¹⁶, assim como território de Guerra pela disputa de traficantes¹⁷.

¹⁵ Kimbwandende kia Beunseki Fu-Kiau é pesquisador congolês das áreas da antropologia cultural, educação, biblioteconomia e desenvolvimento comunitário, reconhece cada ser que nasce como um “sol de adoração perpétua”.

¹⁶ **Morro do Estado-wikipedia.** Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Morro_do_Estado. Acesso em: 01 de fevereiro de 2024.

¹⁷ Guerra do tráfico aterroriza moradores do Morro do Estado. **Jornal São Gonçalo, São Gonçalo.** Sessão da Segurança Pública, 17 de jun. de 2023. Disponível em: <https://www.osaogoncalo.com.br/seguranca-publica/136377/guerra-do-trafico-aterroriza-moradores-do-morro-do-estado>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2024.

Historicamente a propagação e o reconhecimento das favelas apresentam-se como formação socioespacial de aglomerados de moradias em situação de precariedade, habitadas por marginalizados, em sua maioria pessoas negras. Nesse sentido, tais informações/notícias citadas acima, se não verificadas ou mesmo atualizadas por atores locais, moradores, reforçam o imaginário social (racista) de local extremamente violento, habitado por criminosos, onde toda e qualquer produção dá-se em prol da sobrevivência e benefício do poder pararello ao Estado.

Em 1944, no RJ, Abdias do Nascimento, liderança no movimento negro brasileiro, estava como membro fundador do Teatro Experimental do Negro. Essa foi a primeira entidade afro-brasileira que relacionou a luta pelos direitos civis com a recuperação da herança cultural africana, do mesmo modo o fez ao decodificar os quilombos como lugar de “esforços de resgate à liberdade e dignidade” (Nascimento, 1980, p.255).

Diferentemente dos Quilombos (Kilombos) de África, onde os negros se refugiavam para “curtir o seu banzo”, o reconhecimento dos quilombos do século XX, no Brasil, associa-se a lugar de ocupação, organização política, cultura, religiosa e econômica, para além da ideia utópica de sobrevivência ou resistência cultural, continuidade histórica (pertencimento e memórias) (Nascimento, 1985).

Nesse sentido, estaria a história dos moradores do Morro do Estado sofrendo um processo de apagamento cultural? Seriam os jovens do Morro do Estado herdeiros da cultura quilombola?

Nessa direção, exaltamos a importância de Ubuntu como quase-conceito, filosofia Africana, a qual pode ser interpretada pelo significado “Sou quem sou, porque somos todos nós!”. Nas palavras de Borges-Rosário (2021), a apostila é em “uma nova Ontologia que tenha como horizonte que uma pessoa é pessoa através de outras pessoas” (Borges-Rosário, 2021, p. 266).

Educomunicação e resultados

A proposta inicial voltou-se por analisar as ações realizadas pela equipe da BemTv durante o curso de formação de JC, no segundo semestre de 2023, as quais fomentaram a circulação de jovens moradores do Morro do Estado nos espaços de cultura de Niterói e propiciaram a implicação dos jovens moradores do Morro do Estado no combate à desinformação (por meio da oralidade e

comunicação social, resgate da memória ancestral, educação popular). Recebidos por um educomunicador, durante aula síncrona, o curso fora iniciado com 115 jovens inscritos, dentre esses, 44 jovens moradores do Morro do Estado, a apresentação de um dos objetivos do curso deu-se por meio da temática: Comunicação popular, um Direito que garante outros direitos.

Apreendido como um processo contínuo de liberação da palavra pelo reconhecimento histórico, mudanças e reinvenção social, esse saber compartilhado é o convite à permanência nesse espaço, que se dá pela presença e pelo foco nas necessidades e expressões de sentimentos e pulsão de vida.

Ao ressaltar uma das funções do comunicador, foi falado do ato da escrita e do poder da audiência. Para isso, refere-se à escritora Conceição Evaristo, que através de contos expressa emoções e experiências profundas, “escrever é uma maneira de sangrar”¹⁸(Evaristo, 2016, p.109). Em diversos depoimentos, a escritora diz que suas obras nascem profundamente marcadas pela sua experiência de mulher negra na sociedade brasileira, relacionando às vivências da coletividade¹⁹.

Sob esse olhar, torna-se possível a percepção da linguagem por uma construção, um exercício que humaniza ‘o próprio marginal’. A depender da dureza à qual se pretende revelar a empatia. Ao mesmo tempo que o comunicador transforma o ato em potencial para atingir o público é também transformado pelas situações do cotidiano/da vida. Dessa forma, a vida que se vive destaca-se ao texto²⁰, o entendimento do texto como mecanismo para chamar atenção.

Haja vista a potencialidade do campo, a objetividade de desenvolver um estudo interseccional deu-se com vista a corroborar com a luta contra a alienação. A ressignificação do imaginário social dos jovens moradores de favela: “Morar na favela não é o problema”²¹, contra o imaginário construído em sua maioria por ideologia racista e representações sociais discriminatórias.

¹⁸ EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água**.1ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional. 2016.

¹⁹ Identidade que reflete o conceito de escrevivência.

²⁰ Dentre as manifestações, enaltecimento de pessoas negras - inspiração: Silvio Almeida (Silvio Luiz de Almeida, atual Ministro do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil) e Débora Moreno (escritora de livros infantis, contadora de histórias e artesã, moradora do Morro do Estado).

²¹ Fala de um dos membros da equipe da BemTv (Niterói, 29 de novembro de 2023).

Além disso, o contexto recente no qual vivemos, pós pandêmico²², e a retomada da Governança pela esquerda no Brasil reforça o fundamento de voltarmos nossos olhares para problemas antigos e mantermos vigilantes ao “perigo de uma história única”²³. Inaceitável que tenhamos pessoas invisíveis; em situação de insegurança alimentar e vulnerabilidade extrema; cidadãos somente acessados em períodos de campanha eleitoral ou nem isso; executados pela cor da pele.

Diante disso, cabe citar Gilroy (2002) que, no prefácio dedicado à versão brasileira do livro: *Atlântico Negro: modernidade e consciência*, chama-nos atenção ao exercício da não romantização das *ações políticas*²⁴ e reforça o histórico do Movimento Negro brasileiro associado aos sentidos sociais da mobilidade no espaço (trans)nacional no processo da *diáspora*, (grifo nosso).

Ao considerarmos que a macropolítica e a micropolítica se entrecruzam e que o racismo é alimentado e realimentado através da linguagem, resgatamos a sabedoria da transmissão para enunciar as conquistas no campo da educação, saúde, cultura e moradia de valorização da população negra dos últimos anos de modo a esperançar a continuidade.

Nesse sentido, com o entendimento de que as soluções devem ser buscadas no relacionamento dos grupos étnicos²⁵, coletivamente, a comunicação das diferenças das quais os indivíduos se apropriam pode ser fronteira importante para o acesso e a garantia de Direitos. Quando isolado, a tendência é a inviabilidade da consciência de pertença, logo, o esvaziamento da vida social, política e cultural.

No complexo cenário do mundo digital, é notório que a relação com o tempo de processamento das informações recebidas e as conexões experimentadas individualmente e coletivamente apresentam grande impacto na nossa percepção de mundo e em nossas rotinas cotidianas.

²² Em cinco de maio de dois mil e vinte e três, foi decretado o fim do estado pandêmico pela OMS. (OPAS, [s.d.])

²³ Cf. Chimamanda Ngozi Adichie em TED Talk Global 2009, julho de 2009.

²⁴ Poderíamos interpretá-las como “perigosas”, dado risco de credibilidade a um único sujeito ou a grupo ínfimo, investimentos de recursos às ações que preconizam respostas rápidas a problemas complexos. *Lembremos da musicalidade como manifestação artística, expressão temporal e cultural, “O Haiti é aqui”, de Caetano Veloso (1993)*.

²⁵ Etnia, nesse contexto é referente a denota “naturalista”, “determinista” ou “organicista” da nação. Nesta acepção, a etnia combina os aspectos biológicos e culturais. Ela é simultaneamente comunidade de sangue, de cultura e de língua (Poutignat, 2011, p. 43).

Logo no início do curso de formação de Jovens Comunicadores, a pauta sobre a funcionalidade do WhatsApp como Rede social ou mídia social? conduz atenção imediata à problemática do acesso, conectividade, inclusão ou exclusão. Ferramenta de mensagem instantânea e chamada de voz, disponível para celulares smartphones e computadores com internet, possibilita interação entre pessoas de qualquer lugar do mundo, além de disponibilizar a funcionalidade de alteração da velocidade do áudio, com redução de metade do tempo que teria o áudio original. Essa tem sido a ferramenta eleita para difusão de conteúdos e informações produzidas pelos JC.

Mesmo diante do mapeamento das limitações de acesso e apesar do PJC fornecer uma bolsa auxílio, que poderia ser revertida para o pagamento de taxas de internet, muitos são os relatos de rotineiramente as favelas estarem com problemas de conexão e os jovens sem recursos de aparelhos, essas são problemáticas que indicam a probabilidade de descontinuidade.

Estimulados a aumentar suas conexões sociais (presenciais), “a palavra como laço sagrado e profundo que une os homens” (Bâ, 2010, p. 169), os jovens têm o envio de mensagens pelo aplicativo WhatsApp como parte do processo de desinformação da população. Uma meta de impacto positivo, visto o alto índice de analfabetismo funcional²⁶ e a limitação objetiva de acessos, já que a maioria das operadoras de celular permitem acesso ilimitado a redes sociais e aplicativos, como WhatsApp, Instagram, Facebook, mas não para navegação na internet, checagem de links, verificação em websites.

Considerações finais

Numa sociedade oral, o resgate da memória é feito pela tradição, através de tradicionalistas, “Mestres”, pessoas reconhecidas com sabedoria acumulada que gozam de grande liberdade para falar, exímios receptores e narradores. Enquanto numa sociedade que adota a escrita, como prioridade, somente as memórias menos importantes tendem a ser deixadas à tradição, em analogia à velocidade acelerada imposta pela sociedade capitalista.

A hipótese da ausência de jovens do Morro do Estado nos espaços de cultura da cidade de Niterói não foi possível de ser confirmada. Seria necessário

²⁶ Apresentado aos JC a matéria: “Como o analfabetismo funcional influencia a relação com as redes sociais no Brasil” (Farjado, 12 de novembro de 2018).

mais tempo/dados para isso. A sensação de que há muito mais a ser dito, e talvez fosse esse o referencial que precisávamos para nos convencer de que o legado pela Palavra seja Sagrado e não caberia esforços para a transcrever, sempre nos faltaria, ao mesmo tempo que as perguntas lançadas ficaram, para um, ou dois, ou para muitos. Depois que a palavra é dita e o sujeito toma para si, os efeitos são imensuráveis.

Em todas as situações, a certeza de que esses encontros reforçaram em mim a segurança de que eu não ando só, sou porque nós somos. Diversas frentes são necessárias para a construção de um mundo antirracista. Muito recentemente, em agosto de 2024, tomamos conhecimento do documentário: “Sufoco: Falar e Viver no Morro do Estado”, produção de uma jovem niteroiense de vinte anos de idade. A identificação com as Tecnologias Ancestrais, o aquilombamento, o compromisso com a palavra (ação), um propósito sagrado, a ressignificação da negritude. “Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje”, este ditado Iorubá reforça a nossa impossibilidade do controle do tempo, nada imediato, tudo gradual e tal como o processo reflexivo, o despertar para a circularidade.

Visto que uma Rede se constitui de muitos e a Cultura é um Direito que depende de outros direitos para a sua efetivação, consideramos ser a função social do Projeto Jovens Comunicadores de extrema importância na construção de mundo e autonomia dos 43 Jovens atendidos por ele, assim como o enfrentamento às diversas formas de violências, em especial o racismo.

REFERÊNCIAS

- BÂ, A. Hampaté. A Tradição Viva. In: HGA V.I, editado por Joseph Ki-Zerbo. 2ed. rev.-Brasilia:UNESCO, 2010. p. 178-212.
- BENTO, Cida. O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da república federativa do Brasil de 1988. Seção I Da Educação. CAPÍTULO III, Da Educação, da Cultura e do Desporto. Título VIII. Da Ordem Social. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituida/constituicao.htm. Acesso em: 14 de fevereiro de 2023.
- _____. Lei 11.645 de 10 de março de 2008. Altera a Lei n.o 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n.o 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 11 de mar. 2008.

_____. Lei nº 13.018, de 22 de julho de 2014. Institui a Política Nacional de Cultura Viva e dá outras providências. Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011_2014/2014/lei/l13018.htm
 Acesso em: 02 de maio de 2023.

BORGES-ROSARIO, Fabio. A filosofia africana: ubuntu. In: COSTA, R. C. R.; et al. (orgs.). Decolonialidade, educação e antirracismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Selo Novo, 2021. 243-272.

CAMILO, A. A. "Aquilombamentos e comunalidade experiências africanas: tecnologias ancestrais de solidariedade vital que nos inspiram a (re)conhecermos o “sol vivo” que somos e metabolizarmos o trauma coletivo do racismo”. In: BARROS, Flávio; OLIVER, Macele (orgs.). Saúde mental da população preta importa. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 2022.

CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. A afrika para os brasileiros...e para o resto do mundo!. Portal Geledés. 30 de julho de 2021. Disponível em:
<https://www.geledes.org.br/a-afrika-para-os-brasileiros-e-para-o-resto-do-mundo/#:~:text=Estima%2Dse%20que%200%20Brasil,maior%20que%20a%20odo%20Brasil>. Acesso em: 10 de agosto de 2024.

CFESS - CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. Código de ética do/a assistente social. Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão. 10^a. ed. rev. e atual. Brasília:2012.

DIOP. Cheiak Anta. “A origem dos antigos egípcios”. In: História Geral da África (HGA), 2010. Vol2, p. 39-70.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. Rio de Janeiro: Tempo, UCAM, 2007. vol. 12, n. 23.

FARJADO, Vanessa. “Como o analfabetismo funcional influencia a relação com as redes sociais no Brasil”. BBC NEWS BRASIL. São Paulo, 12 de novembro de 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46177957#:~:text=O%20grupo%20de%20analfabetos%20funcionais,suficiente%20para%20localizar%20informa%C3%A7%C3%B5es%20expl%C3%A7%C3%ADcitas>. Acesso em: 28 de julho de 2023.

GILROY, P. O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência. Rio de Janeiro: Cândido Mendes, 2002.

HALL, Stuard. Da diáspora: Identidades e mediações culturais. Organização: Liv Sovik. Tradução: Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte. Editora UFMG,2003. p 25-50.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo 2010 - Cidade e Estados do Rio de Janeiro, Niterói. In Aglomerados Subnormais: Primeiros Resultados, Brasília, IBGE, 2011. Disponível em:<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/niteroi/pesquisa/23/26170>. Acessado em: 27 de novembro de 2019.

ITUASSU, Arthur. Hall a comunicação e a política do real. In: HALL, Stuart. Cultura e Representação. Organização e Revisão técnica: Arthur Ituassu. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed.PUC – Rio: Apicuri, 2016. p.11 - 15.

KAËS, R. L. L'ideologie-études psychoanalytiques Mentalité de l'idéal et esprit de corps. Paris: Dunod, 1980. In: COSTA, E. S.; FERNANDES, M. I. A.. Estudos psicanalíticos sobre o racismo: branquitude e mestiçagem como ideologias. In: DAVID, Emiliano de Camargo ; Assuar; Gisele (orgs.). A psicanálise na encruzilhada: desafios e paradoxos perante o racismo no Brasil. 1ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2021, v. 1, p. 27-45.

LARA, Eduardo. "O privilégio da ignorância". In: DAVID, E. C.; ASSUAR, Gisele (orgs.). A psicanálise na encruzilhada: desafios e paradoxos perante o racismo no Brasil. São Paulo: Hucitec; 2021.p. 198-208.

MANIFESTO. "Cultura é o seu Direito" in Carta de Direitos Culturais de Niterói. Ano 2021.p 6- 8 Disponível em:

https://culturaeumdireito.niteroi.rj.gov.br/cms/uploads/carta_de_direitos_culturais_niteroi_415b56f2f1.pdf. consultado em 03 de janeiro de 2023.

MBEMBE, Achille. Crítica da Razão Negra. Tradução de Marta Lança. 1 ed. Lisboa. Antígona, 2014.

NASCIMENTO, Abdias do. O Quilombismo - Documentos de uma militância pan-africanista. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. Afrodiáspora, n.o 6-7, p. 41-49.Vozes, 1985.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART , Jocelyne. Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Tradução: Elcio Fernandes. 2.ed. - São Paulo: Ed. Unesp,2011. 250p.